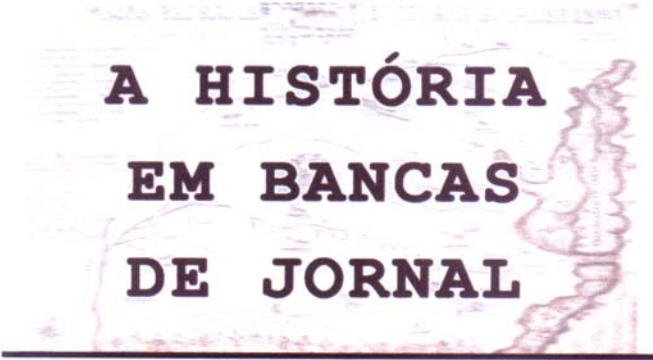




ECLÉTICA 2005

Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP



A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer
Monitora PAE - Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro
Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I
0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.

A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Raquel Glezer¹

Introdução

As experiências dos professores das disciplinas teórico-metodológicas em curso de História, bacharelato ou licenciatura, podem ser generalizadas, pois usualmente enfrentam incompreensões por parte do alunado e de colegas. Não importam as denominações: Introdução aos Estudos Históricos ou Metodologia da História; Filosofia da História; Teoria da História; História da Historiografia... Afinal, para que elas servem? O que fazem em um currículo sobrecarregado?

As outras disciplinas obrigatórias de um curso de História possuem conteúdo definido por espaços geográficos (América, Brasil, África, Ásia), ou recorte cronológico (História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea). O recorte cronológico ainda se impõe ao recorte geográfico, apesar dos questionamentos apresentados nos últimos trinta anos, a partir da obra de Chesneaux² sobre o uso ideológico da periodização. As disciplinas optativas se organizam por temas, processos explicativos, fontes ou campos historiográficos.

Diversamente, as disciplinas teórico-metodológicas deslocam-se em espaços e tempos variados, pois podem se articular por conceitos, teorias explicativas, formulações teóricas de processos históricos, análises historiográficas de autores, temas relevantes, questões significativas ou momentos marcantes... quase sempre fugindo ao recorte espacial e/ou ao cronológico.

Para os alunos, as disciplinas teórico-metodológicas se apresentam como um conjunto complexo. Têm dificuldade de reconhecer nelas o que conhecem como História, isto é, o campo de conhecimento que aprenderam a reconhecer como tal nos livros didáticos, manuais acadêmicos e livros dos historiadores. As discussões sobre o que são documentos, fatos históricos, fontes, memórias, monumentos, os questionamentos sobre os conceitos nos livros escritos pelos historiadores, ou os debates sobre os usos de cultura material, cultura imaterial, história oral, memória social, micro-história e macro-história, genealogia, memória local se apresentam como complicações do que aparenta ser simples e conhecido.

Qual a finalidade de uma disciplina como Teoria da História no processo de formação de um profissional da história? As reflexões que são propostas aos alunos têm qual finalidade? As respostas podem ser tão múltiplas como o campo: conhecer a História da História; perceber como o campo dos estudos históricos foi formado e quais as transformações que sofreu; aprender a reconhecer os conceitos e as teorias que embasam os trabalhos dos historiadores, identificar os pressupostos da seleção de temas, fatos e dos arranjos dos conteúdos. De forma sintética, reconhecer que o conteúdo da história que encontram nos livros é um produto cultural datado (linguagem, conceitos, preconceitos), da mesma maneira que os textos que produzem em seus trabalhos.

Para nós, professores nestas disciplinas, as questões teóricas devem fundamentar os trabalhos dos historiadores, quer os de pesquisa em campo, não importando o tipo de fonte explorada - arquivística, bibliográfica ou de história oral, quer os de análise historiográfica sobre as obras de historiadores, nas variadas formas que podem assumir.

¹ Profa. Titular Teoria da História e Metodologia da História/Departamento de História/FFLCH/USP; e-mail: raglezer@usp.br.

² Cf. Jean Chesneaux. *Du passé faisons table rase? : a propos de l'histoire et des historiens*. Paris: F. Maspero, 1976; trad. brasileira *Devemos fazer tabula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores*. São Paulo: Ática, 1995.

Tais questões estavam em nosso horizonte de preocupação quando propusemos aos alunos matriculados na disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno, no primeiro semestre de 2005, cujo programa havia sido formulado com o objetivo de possibilitar uma visão panorâmica de algumas formas de reflexão sobre a história até o início do século XX, com aulas teóricas e leituras de textos de alguns autores clássicos, algo a mais: um trabalho empírico, levando em consideração as restrições e limitações aos alunos dos cursos noturnos: biblioteca em horário restrito; arquivos, centros de documentação e museus fechados, nos horários que os alunos poderiam dispor para alguma atividade extra classe.

Que material poderia ser utilizado, que estivesse acessível e cujas informações complementares pudessem ser localizadas por quem cumpre oito horas de trabalho diárias em cinco dias por semana? A nossa proposta foi a de explorar um material recente, visível e de fácil aquisição, que existe e se oferece nas bancas de jornal – as revistas de divulgação de história, em suas múltiplas apresentações e em seus variados níveis de formulação.

Temos a certeza que nem todas as publicações existentes foram exploradas, pois tal não era a intenção da proposta, que tinha como objetivo proporcionar aos alunos quase todas as etapas de um projeto de pesquisa, a partir da seleção de fonte e temas de interesse dos autores dos trabalhos, que foi respeitada, quer pela possibilidade de acesso³. Apesar da vasta rede de bancas de jornal existentes na área metropolitana, nem todas contém exatamente o mesmo conjunto de publicações, dependendo do local em que estão e da clientela a que atendem.

Em complementação

Depois dos trabalhos de pesquisa e redação realizados e entregues, na fase de preparação e edição digital para inserção no sítio (www.raquelglezer.pro.br), encontramos na rede algumas referências sobre o mesmo assunto, como a indicação do trabalho de Iniciação Científica na Faculdade Cásper Libero de Marcela Rosa Mastrocola, denominado “Aventuras na História: intermediários culturais, mercado editorial e cultura de consumo”⁴, em nota, sem data, acesso ao texto ou resumo. E o texto de Thathiana Murillo, datado de 05.12.2004, com o título de “*Páginas do passado: o boom das revistas de História*”, no qual a autora traça um histórico das revistas de história de divulgação em vários países e o início de tais periódicos do Brasil, a partir de 2003⁵.

Não consideramos a nossa pesquisa exaustiva e é possível que existam outros estudos sobre o mesmo tipo de material.

³ Os trabalhos, de modo previsível, concentraram-se nas revistas com maior facilidade de acesso: *Nossa História*, *História Viva*, *Aventuras da História*. Outras publicações foram também localizadas e selecionadas pelo interesse dos alunos. Ao menos uma publicação não foi explorada - a *Brasilis*, da editora Atlântica, do Rio de Janeiro, coordenada por Luis Felipe Baeta Neves. Ela era inicialmente vendida por assinatura, e só conhecemos os dois números iniciais. O sumário deles pode ser encontrado no sítio: <http://atlanticaeditora.com.br/>.

⁴ No sítio www.facasper.com.br/cip/iniciencia: “tema: Estudo sobre o fenômeno das revistas de história no contexto da hipermodernidade, com base na análise da publicação *Aventuras na História ...*”; e-mail: marcelamastrocola@gmail.com.

⁵ Thathiana Murillo. *Páginas do Passado: o boom das revistas de História*, datado de 12.05.2004, no sítio O cisco, <http://www.ocisco.net/thati10.htm>; e-mail thatianamurillo@uol.com.br.

1. Enfrentar os preconceitos

A seleção do material para ser pesquisado decorreu de sua facilidade de acesso, por um lado. Em nossos dias, a história está nas bancas de jornal, em formas variadas. Está nos jornais diários - que são uma das fontes para a história do tempo presente e para a história contemporânea; nas revistas semanais e/ou mensais de viés informativo ou analítico de variadas tendências políticas; nas coleções de obras clássicas para divulgação – como a coleção ‘Os Pensadores’ ou a coleção ‘Pensadores Brasileiros’. Seleccionamos uma materialidade específica - as revistas de temas históricos, voltadas para o público consumidor não-especializado.

A multiplicidade de periódicos e publicações de assuntos variados nas bancas de jornal é indicativo de alguns processos característicos da sociedade contemporânea pós-industrial: a ampliação do público leitor, decorrente dos processos de urbanização e alfabetização; a ampliação do acesso ao conhecimento; o atendimento pelas empresas editoras de todas as áreas de interesse do público leitor, em suas múltiplas identidades sociais⁶. Este foi o outro elemento fundamental para a escolha do objeto – a possibilidade de captar um fenômeno social ‘quente’, em sua concretização, na vivência do processo, que precisa ser analisado e compreendido. Em nossos dias, a diversificação da mídia impressa, em miríades de pequenas empresas gráficas – algumas das quais de vida curta, ao lado dos conglomerados de empresas gráficas e das de mídias, soma-se ao complexo jogo dos cruzamentos de todas as mídias – imprensa, cinema, televisão, eletrônicas, digitais...

Lembremos também que em nossos dias há associações entre empresas, para atingir determinados segmentos do público, com a criação de marcas novas, ocultando a empresa principal e dificultando o acompanhamento das questões mercadológicas.

Alunos de graduação estão acostumados com a leitura de textos selecionados por professores – capítulos de livros e/ou artigos publicados em periódicos acadêmicos, cujos padrões correspondem aos parâmetros da comunidade científica. Não há a preocupação com o perfil da publicação, pois a responsabilidade de seleção é do professor. A valoração realizada é pela especialidade do autor, respeitabilidade da revista, reconhecimento da instituição que a publica - todos elementos de identificação de comunidade científica e de reconhecimento entre pares.

As próprias revistas acadêmicas se transformaram, no decorrer do século XX, de recurso informativo e quase que exclusivamente erudito, em fontes reconhecidas para os trabalhos historiográficos, e hoje são objetos de pesquisa para análises de conteúdo, que variam conforme as orientações dos campos historiográficos.

Por outro lado, raramente o material de vanguarda do conhecimento, o da ‘literatura cinza’⁷ é utilizado, mantendo-se como exclusividade do circuito especializado e restrito dos pesquisadores.

No país, há crescente desenvolvimento do campo de pesquisa sobre a história do livro e da leitura⁸. As revistas de literatura, de educação e as semanais gerais têm recebido

⁶ Sobre as identidades sociais contemporâneas, ver Serge Moscovici. *Representações sociais*. Investigações em psicologia social. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

⁷ Literatura não convencional, conhecida por ‘literatura cinza’ (teses, folhetos, anais, proceedings, relatórios de pesquisas, notas técnicas, indicadores de ciência e tecnologia, preprints, publicações seriadas e trabalhos não publicados). Cf. <http://www.ige.unicamp.br/site>.

⁸ Ver: a) sitio: www.livroehistoriaeditorial.pro.br/, do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, realizado entre 8 e 11 de novembro de 2004, na Casa de Rui Barbosa, na cidade do Rio de

atenção sistemática desde a década de setenta do século XX, vasto material que pode ser encontrado nas bibliotecas. Contudo, são escassos os estudos analíticos sobre as revistas de história no país, com exceção dos estudos sobre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que utilizam o seu periódico, o mais antigo do país, datado de 1838, mais como fonte sobre a instituição do que como objeto de análise⁹.

A proposta de analisar as publicações encontradas em bancas de jornal foi, por alguns alunos, questionada pelo fato de não ser este um material ‘respeitável’. A desqualificação é devida ao fato de revistas comerciais não terem a mesma estrutura formal dos periódicos acadêmicos, principalmente a revisão por pares. E que os artigos não poderiam ter conteúdo acadêmico e ser resultado de trabalho de pesquisa de historiadores. A maior crítica foi que as revistas comerciais tinham como alvo um público genérico e não-especializado. Afinal, trabalhar com ‘material de divulgação ou vulgarização’ não era um trabalho adequado aos historiadores em formação¹⁰.

No decorrer da pesquisa, mesmo os alunos mais renitentes acabaram mudando de opinião, pois conseguiram verificar que entre as revistas para o grande público existem níveis diferenciados de informação, apresentação de resultados de pesquisa, debates sobre questões de momento e um trabalho de apresentação ao público de textos escritos por historiadores. O conteúdo apresentado depende do público visado pela revista.

2. A popularização da cultura

O fenômeno do público consumidor de produto cultural oferecido em bancas de jornal no Brasil data dos anos sessenta do século XX, quando a Editora Abril¹¹ lançou edições de obras em fascículos, mas continuou mantendo-se basicamente como uma editora de histórias em quadrinhos infantis e juvenis, e, de publicações românticas destinadas a adolescentes e mulheres jovens, vendidas em bancas. Na área específica da História, a primeira foi a coleção ‘Grandes Personagens da Nossa História’ - biografias de personagens da História do Brasil, em fascículos, com textos escritos por professores de história. E depois, nos anos da ditadura militar, lançou a coleção ‘Os pensadores’-volumes encadernados de obras de autores clássicos da cultura ocidental, que muitas

Janeiro; b) sitio da Intercom: www.intercom.org.br/, especificamente para os textos resultantes de pesquisa apresentados nos eventos da área: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br>.

⁹ Ver, entre outros: Isa Adonias. *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - 150 anos*. Rio de Janeiro: Studío HMF, 1990; Virgílio Correia Filho. Como se fundou o Instituto Histórico. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, 255, 1962; Max Fleiüss. *O Instituto Histórico através de sua Revista*. Rio de Janeiro: IHGB, 1938; Lúcia Maria Paschoal Guimarães. "Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial": o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 156, 388, 1995; Manoel Luís Salgado Guimarães. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, no. 1, 1988, pp. 5-27;-----De Paris ao Rio de Janeiro: a institucionalização da escrita da História. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, volume 4, no. 1, 1989, pp. 135-144; Lília Moritz Schwarcz. "Os guardiões da nossa história oficial". Os institutos históricos e geográficos brasileiros. São Paulo: IDESP, 1989; ----- . *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; Arno Wehling. As origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 338, 1983, pp. 7-16;----- .Historicisimo e concepção de História nas origens do IHGB. In: ----- (org.) *Origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: idéias filosóficas, sociais e estruturas de poder no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: IHGB, 1989, pp. 43-58.

¹⁰ Apesar dos questionamentos, uma grande parte dos alunos possuía alguns exemplares das revistas de divulgação nacionais e recorreram ao seu próprio material; outros, de forma surpreendente, possuíam exemplares de revistas editadas em outros países, o que aparece em seus trabalhos.

¹¹ No sítio da Editora Abril está a história da empresa, ver <http://www.abril.com.br/br/conhecendo/>.

vezes estavam recebendo a primeira edição no país, com tradução por professores especialistas no autor ou no assunto, quebrando o preconceito existente contra a compra de livros em bancas de jornal. A série de sucessos editoriais foi interrompida com uma coleção de história do Brasil, a ‘Saga’, que não foi completada. Embora a Editora Abril se apresente como a pioneira na edição de obras de divulgação para o grande público consumidor, apenas atualizou uma forma de divulgação que já existia, a da edição de obras clássicas ou informativas em tiragens maiores que as usuais. Antes dela, existiram outras iniciativas de divulgação e popularização da cultura no país, que ainda não foram devidamente estudadas.

A coleção ‘Tesouro da Juventude’¹², marco na vida de milhares de jovens leitores, foi difundida por vendedores em muitas das cidades do país, independente de seu tamanho e da existência de livrarias. O mesmo ocorreu com as coleções de obras de história como Cesare Cantú¹³, H. G. Wells¹⁴ e Will Durant¹⁵.

A Editora Ediouro¹⁶ tinha e ainda tem forte atuação na área da divulgação de autores clássicos, mas seus livros, em pequeno formato e em papel jornal, só podiam ser encontrados em livrarias. Além das citadas, existiram outras coleções de obras literárias destinadas a um público consumidor maior que o tradicional consumidor em livraria: a coleção ‘capa amarela’ de grande formato da Editora Globo de Porto Alegre – hoje Globo Livros¹⁷, com traduções de obras clássicas e contemporâneas, por intelectuais de renome, e, a coleção Saraiva, da editora do mesmo nome¹⁸, com volumes de pequeno formato, em papel jornal, que era vendida porta a porta para as famílias interessadas. A Editora Agir¹⁹ também teve uma coleção de clássicos em pequeno formato e em antologia, ‘Nossos Clássicos’.

A estrutura de venda porta a porta que foi desenvolvida na primeira metade do século XX continua ainda em nossos dias, com enciclopédias escolares e coleções de obras informativas em geral.

¹² Esta obra teve diversas edições, pela W. M. Jackson Editores, dos anos vinte até os anos cinquenta.

¹³ Cesare Cantú. *História universal*. Obra de tanto sucesso que recebeu várias edições, entre outras: a) Rio de Janeiro: Fluminense, 1883; b) Rio de Janeiro: Livraria João do Rio, 1931; c) São Paulo: Américas, 1946. 32 v.; d) São Paulo: Edameris, 1970, ed. resumida.

¹⁴ H. G. Wells. *História universal: da ascensão e queda do império romano até o renascimento da civilização ocidental*. São Paulo: Nacional, 1939. 3 v.

¹⁵ Will Durant. *História da civilização*. São Paulo: Ed. Nacional, 1943. 18 v. A obra teve edições em 1956 e 1967, e em outras editoras. O autor continua sendo editado no país, podendo suas obras ainda serem encontradas em livrarias. Dados sobre sua vasta produção podem ser encontrados no sítio da **Will Durant Foundation**, <http://www.willdurant.com/home.html>

¹⁶ Ver em *Wikipédia, a enciclopédia livre*, sítio: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ediouro>.

¹⁷ Cf. <http://globolivros.globo.com/>; a Rio Gráfica Editora adquiriu em 1986 a Editora Globo. A história sintética da Editora Globo pode ser lida na *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Sítio: http://pt.wikipedia.org/wiki/Editora_Globo. Sobre a editora há a indicação do livro de Elisabeth Wenhausen Rochadel Torresini, *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP, s.d., na Coleção Memória Editorial.

¹⁸ Ver sítio: <http://sf.editorasaraiva.com.br/port/perfil/historico>; cf. dados da empresa, em 1946 foi lançada a Coleção Saraiva, dirigida por Mário da Silva Brito e Cassiano Nunes, que incluía autores nacionais e internacionais como Machado de Assis, José de Alencar, Menotti del Picchia, Orígenes Lessa, Henry James, Edgar Allan Poe, Herman Melville, ilustrada por artistas de renome, como Aldemir Martins, Darcy Penteadó, Nico Rosso, com traduções de Otávio Mendes Cajado, Décio Pignatari, Nair Lacerda e José Geraldo Vieira. A forma de comercialização era por assinatura, feita por vendedores, com entrega do exemplar publicado mensalmente; vendeu milhares de volumes, pois editou 287 títulos, alguns dos quais com tiragem de até 50.000 exemplares.

¹⁹ Ver histórico da empresa no sítio: <http://www.editoraagir.com.br/historico>; cf. dados, foi adquirida pela Ediouro, em 2002.

Da metade para o final do século XX, as bancas de jornal se tornaram o lugar de exposição da mais ampla variedade de publicações, de todos os assuntos possíveis e imagináveis, para todos os tipos de leitores.

3. O contexto

Há uma explicação corrente para o alto preço dos livros editados no Brasil: a falta de público leitor, pois existem poucas livrarias pelo país e, portanto, poucos leitores. Contudo, as vendas de ‘best-sellers’ desmentem tais afirmações: milhares de livros são vendidos em curto espaço de tempo. Se existissem tão poucos leitores no país, como afirmam as editoras de livros para venda em livrarias, as editoras que lançam seus produtos culturais em bancas de jornal não teriam crescido e multiplicado.

O crescimento das editoras especializadas em publicações para bancas de jornal deve ser relacionado com outros dados: aumento da população, predominância da urbanização, crescimento da escolaridade, aumento da renda familiar, capilaridade dos meios de divulgação de massa pelo país e interligação entre as diversas ‘mídias’.

Dos fenômenos citados, o aumento populacional se destaca: em 1950, a população do país era de 51.949.397, e, em 2000, de 169.799.170 de habitantes²⁰. No mesmo período, a população urbana passou de crescente a dominante, decorrência de fatos distanciados no tempo, mas que explicam alguns aspectos do fenômeno: em 1938, todas as sedes de município passaram a ter o título de cidade, não importando a população; nos anos cinquenta a industrialização por substituição de importações e de bens de capital deslocou uma grande parcela da população de áreas rurais para algumas áreas urbanas; e, em 1988, a Constituição passou a permitir maior facilidade para a divisão de municípios e ampliou os repasses do governo federal para os entes municipais, o que possibilitou a expansão numérica deles. Em cada município, mesmo que não exista biblioteca pública ou livraria, obrigatoriamente deve existir escola fundamental básica, e, pode existir uma banca de jornal, mesmo que seja a única na estação rodoviária.

O processo de modernização econômica do país a partir de meados do século XX possibilitou a melhoria da infra-estrutura em transportes e comunicação; a ampliação do processo de escolarização com o objetivo da universalização do ensino fundamental e posteriormente do ensino médio; o emprego em setores que previamente não existiam; o crescimento da massa salarial; o crescimento do mercado educacional para atender a demanda de mão-de-obra mais especializada; o desenvolvimento de redes de comunicação via mídia eletrônica pelo país, que criaram um mercado nacional para determinados produtos, inclusive para os da indústria cultural.

A existência de milhares de aparelhos de televisão pelo país substituiu em grande parte a imprensa escrita como fonte de informação, por um lado, e, por outro, criou um outro mercado produtor e consumidor com a possibilidade de inter cruzamento de mídias. Os produtos culturais da televisão promovem a venda de publicações escritas – sobre ela mesma, os programas, os participantes de suas produções (autores, diretores, atores e outros especialistas). Também algumas produções televisivas, como telenovelas e minisséries promovem publicações escritas – os livros originais, as adaptações, e depois os vídeos, os cds e os DVDs. O lançamento de filmes, nacionais ou estrangeiros, com chamadas em televisão, e com eventual apresentação posterior em horários especiais, também alavanca publicações destinadas ao grande público, informando sobre a obra, roteiro, diretor, atores e outros especialistas. Os temas épicos ou históricos, quando explorados pelas mídias cinematográficas e televisivas, envolvem altos custos de

²⁰ Conforme dados do IBGE, no sítio: www.ibge.gov.br/, em Síntese dos censos demográficos.

produção, que são parcialmente recuperados ou ampliados pelos produtos em paralelo: publicações impressas, vídeos, cds e dvds, além de outros produtos destinados ao público infantil e/ou juvenil, da mesma forma que os filmes de entretenimento.

Se há momentos em que a sociedade ocidental parece esquecer da existência da história, apesar de estar imersa nela, em outros há preocupação com ela. Geralmente, em datas comemorativas de fatos históricos relevantes há a ressurgência do interesse pela história, quer como processo, quer como narrativa. Em determinados momentos, a sociedade como um todo se sente atraída por fatos históricos – em livros com temas históricos, biográficos ou pseudo-históricos; em filmes biográficos, épicos, históricos ou míticos; em docu-dramas históricos ou documentários sobre fatos históricos, reconstituídos com material de época. Não é possível identificar claramente se tal interesse é uma válvula de escape – fuga/refúgio para um tempo mítico de paz e segurança, ou, genuíno, para compreender a sociedade e o momento em que vive. Em nossos dias, no início do século XXI, há retomada da curiosidade por fatos históricos, que aparece tanto nas produções impressas, como nas cinematográficas e nas televisivas. Os motivos que provocam tal interesse podem ser variados: insegurança diante das transformações em curso; dificuldades de compreender a fase histórica em que vive; medo diante do desconhecido; necessidade de reafirmar o conhecido diante de outras propostas de organização social e tantas outras questões possíveis de serem arroladas.

Quanto as motivações que levaram ao lançamento das revistas de divulgação de história no país, Thatiana Murillo utiliza a referência das comemorações dos quinhentos anos do descobrimento como o motivo para o lançamento de tais publicações²¹. A nosso ver, tal explicação não se aplica totalmente – teria pleno sentido se estas tivessem começado a ocorrer no mesmo ano ou no seqüente, o que não ocorreu, pois datam de 2003 em diante. As explicações podem ser procuradas tanto no contexto nacional – a consolidação do processo de urbanização, universalização da educação básica e suas conseqüentes transformações, como no maior acesso a informações internacionais, na divulgação em tempo real pela televisão dos fatos de setembro de 2001, na retomada do ciclo de guerras simultâneas, na sensação de ameaça diante do desconhecido que pode estar se aproximando – elementos que podem ter contribuído para que se concretizasse no país algo de novo, as revistas de divulgação de história. Devemos lembrar que tal tipo de publicação existe em outros países há muitos anos, desde o começo do século XX, mantendo continuidade e possibilitando a divulgação do conhecimento historiográfico a um grande número de pessoas, o que pode ter permitido o crescimento do mercado editorial dos livros especializados em história e das grandes coleções do final do século XX²².

²¹ Ver nota 3.

²² Além da venda de milhares de exemplares de algumas obras de história como *Le Dimanche de Bouvines: 27 juillet 1214*, de Georges Duby. Paris: Gallimard, 1986, e, *Montaillo, village occitan de 1294 a 1324*, de Emmanuel Le Roy Ladurie. Paris : Gallimard, 1975, pensamos nas coleções como História das Mulheres e História da Vida Privada, que foram sucesso editorial destacado, foram traduzidas no Brasil e inspiraram coleções similares nacionais.

4. Cultura de massa

È muito interessante para o historiador verificar como a conceituação de ‘cultura de massa’ tem sido vista pela sociedade, principalmente em uma proposta como a que fizemos, de explorar uma fonte da cultura de massa impressa, destinada a um público leitor não especializado.

A conceituação da existência de uma ‘cultura de massa’ ou ‘cultura popular’ se opõe a de uma ‘cultura erudita’, mais valorizada porque de ‘melhor qualidade’, mais restrita e limitada aos que a ela têm acesso, por poder aquisitivo e domínio cultural.

A ‘cultura erudita’ é resultante da decantação da produção cultural da sociedade ocidental cristã e é o cânone dos valores culturais - a ‘alta cultura’ é o conhecimento e apreciação dos clássicos na literatura, música, balé, teatro, pintura e escultura, em oposição a uma outra cultura, considerada inferior por não ter o mesmo conteúdo e relevância, produzida e vivenciada no cotidiano pelas pessoas comuns, ‘a cultura popular’, que é muitas vezes confundida com ‘folclore’, em uma concepção conservadora e nacionalista estreita.

Tomada em senso estrito, a concepção canônica de cultura faz com que toda a produção cultural do mundo moderno industrial do século XIX e do pós-industrial do século XX, todos os questionamentos, críticas, leituras e releituras da sociedade contemporânea fiquem fora dos parâmetros estabelecidos.

Mas a produção cultural possui a sua própria dinâmica, riqueza e complexidade, e é indicativa da reflexão e crítica do mundo no qual o indivíduo produtor/consumidor está inserido e vive. Para os artistas contemporâneos, o cânone não é um obstáculo. Na realidade diária da sociedade pós-industrial, todas as artes se libertaram do cânone. A multiplicidade das formas de expressão literária e artística é quase impossível de ser totalmente conhecida em nossos dias. O rádio, o cinema e a televisão se inscreveram no campo da produção e da reprodução cultural, da mesma forma que a imprensa. E o mundo da produção digital está seguindo a mesma trajetória, de modo mais acelerado.

Contudo, a resistência às novas formas de arte e conhecimento ainda é grande. No campo dos estudos humanísticos, o domínio do cânone se manteve por mais tempo. E só no último quartel do século XX ele passou a ser questionado por grupos feministas, étnicos, de culturas minoritárias e pelos pesquisadores pós-modernos, que exigem que a noção de cultura seja mais inclusiva e menos restritiva.

A valorização da oposição entre a ‘cultura erudita’ e a ‘cultura popular’ pode ser entendida como uma atitude socialmente conservadora, a partir da Revolução Francesa, em que o conceito de ‘povo’ para os conservadores e contra-revolucionários era o de uma ‘ameaça’ a seu modo de vida. A preservação dos valores da sociedade estamental encontrou na valorização do cânone apoio e a justificativa de uma concepção de sociedade, a partir de meados do século XIX, quando ‘povo’ e ‘massa’ se tornaram quase que sinônimos de ameaça social.

Nos movimentos revolucionários políticos e sociais dos séculos XIX e XX, uma das propostas mais atraente é a da democratização de acesso de todas as pessoas a todos os bens, políticos e econômicos, a partir da alfabetização universal, e, principalmente aos bens culturais.

A idéia de separação rígida entre a chamada ‘alta cultura’ e a ‘cultura popular’ foi questionada por Bahktin²³ ainda na primeira metade do século XX, e, o tema da circularidade das idéias entre grupos sociais, no final do século XX, encontrou apoio em historiadores da história cultural, como Roger Chartier e C. Guinzburg, entre outros, e, principalmente nos autores pós-modernos.

Os resultados

Os resultados obtidos foram surpreendentes, para nós e para os alunos. Para nós, pela localização de inúmeras publicações destinadas a suprir a curiosidade do público sobre temas históricos – em níveis de informação diferenciados, desde as mais elementares até as que apresentam resultados de pesquisas acadêmicas, em linguagem acessível ao não-especialista. Nosso ponto de partida para a proposta do trabalho havia sido o conhecimento das revistas *Nossa História* e *História Viva*. Os alunos conheciam algumas outras e localizaram outras tantas, que não eram tão conhecidas, e que aparecem nos textos que seguem. E também pela capacidade demonstrada pelos alunos de pesquisar informações, mesmo as que exigiram contato direto com as editoras e com os editores; analisar conteúdos sob aspectos variados, demonstrando que o processo de formação fragmentada, proposto pelo Departamento de História, apesar da dificuldade de explicitação, está proporcionando ao corpo discente uma formação adequada ao mundo contemporâneo.

Para os alunos, podemos comentar de um lado que com a aprendizagem da prática de pesquisa - seleção de tema, seleção de fontes, coleta de dados, análise de conteúdo, contextualização e redação de um texto sobre a pesquisa e os resultados obtidos, houve a possibilidade de aprender como usar material diferenciado do tradicional (textos de livros e excertos de documentos), experiência que pode ser transmitida a práticas de ensino de história em outros níveis. Por outro lado, esperamos que os mais renitentes tenham aprendido a aceitar a produção cultural da sociedade em que vivem. Consideramos que se há experiência e vivência da postura crítica em relação à formação socioeconômica e cultural em que estão inseridos, a manutenção de preconceitos sobre a ‘cultura de massa’ e a exigência do cânone cultural são elementos contraditórios que precisam ser enfrentados. E o que a nosso ver foi o mais importante: tiveram eles a experiência da apreensão ‘a quente’ de dois conceitos teóricos que marcam a sociedade atual – a da circularidade das idéias na cultura, e, a da fragmentação das identidades sociais. Lembramos ainda que nas análises de conteúdo foram localizadas algumas das teorias de história, que haviam sido apresentadas e discutidas no transcurso das aulas teóricas e das leituras, demonstrando na prática a longa vigência de idéias na cultura e na sociedade.

Os textos que seguem a esta apresentação são todos os trabalhos de curso da disciplina, resultantes das pesquisas e análises dos alunos. Alguns são trabalhos individuais, outros coletivos. Cada um deles representa a trajetória de pesquisa que foi percorrida, os interesses, curiosidades e idiossincrasias dos autores. Não foi realizada a normalização

²³ BAHKTIN, M.. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC; Brasília:UnB, 1987.

dos textos e nem estão apresentados os comentários da avaliação. A finalidade da publicação é reconhecer os esforços empregados na pesquisa, o empenho e interesse demonstrado, além de colaborar com outras pessoas que tenham alguma curiosidade sobre o material de divulgação de história impresso disponível em bancas de jornal.

Agradeço a Silene Ferreira Claro, doutoranda no Programa de História Social/FFLCH/USP, linha de pesquisa História da Cultura, monitora da classe no PAE/FFLCH/USP primeira fase, o apoio, as sugestões e a relação estabelecida com a classe, que muito contribuíram para o bom desenvolvimento do curso e das atividades. E a todos os alunos que cursaram a disciplina e que no decorrer do semestre selecionaram o material com que pretendiam trabalhar, defenderam suas escolhas, descreveram as dificuldades encontradas, apresentaram as soluções e os resultados obtidos. Eles se encontraram com o que os pesquisadores em história costumam enfrentar: problemas de acesso a fontes e as informações, impossibilidade de usar o material inicialmente previsto, desconforto com os resultados obtidos, questões que não puderam ser respondidas, e tudo o mais que acontece depois do trabalho escrito e entregue.

Espero que a experiência tenha sido tão proveitosa para eles como foi para nós e que a noção de que estamos imersos na história – mesmo explorando um tema restrito e aparentemente limitado, tenha se tornado mais clara e compreensível. E que a função da disciplina Teoria da História no processo de formação tenha adquirido sentido.
São Paulo, segundo semestre de 2005.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**Alunos: Larissa K. Rebello da Silva
Rubens Bonato
Tania Claro**

**Curso: Teoria da História I
Prof.ª Dra. Raquel Glezer
Período: Noturno**

**TRABALHO DE FIM DE CURSO: ANÁLISE DE ARTIGOS DE CAPA DA
REVISTA SUPER INTERESSANTE**

INTRODUÇÃO

A revista escolhida para análise, foi a Super Interessante da Editora Abril, entre os anos de 1997 a 2004. Percebemos que à partir de 2001, mais precisamente depois do ataque de 11 de setembro, o tema selecionado, da religiosidade, vem sendo muito recorrente. Foram selecionadas 7 revistas, das quais três sobre a vida de Cristo, uma sobre o apóstolo Paulo, uma sobre o Alcorão, uma sobre a Bíblia, e uma sobre Buda.

Identificamos que a vertente teórica dos artigos é a Positivista. Pretendemos analisar características desta vertente e buscar pontos comuns e divergentes entre os artigos.

Positivismo - Busca da verdade e importância do fato histórico

Usa-se o conceito teleológico da história, de que as descobertas mais recentes são mais certas e verdadeiras. Aqui também se anulam as décadas de pesquisas arqueológicas, dizendo-se que apenas agora esta ciência está descobrindo “a verdade”: “(...) *a interpretação correta dos textos históricos e a arqueologia estão trazendo surpreendentes revelações sobre o Jesus histórico.*” (“A verdadeira história de Jesus”, p. 42)

O embasamento cientificista do autor se explica pela legitimidade que a Ciência ganhou sobre a religião no século XVI. Continua-se com uma observação historicista: “Quando Darwin lançou (...) o fosso entre ciência e religião já era intransponível.” (“Bíblia”). O autor usa termos como: “livros que pretendem (...) desde o suposto chamamento (...) que teria ocorrido (...)” (Idem). Estes termos indicam que a Bíblia foi escrita para representar a verdade, mas que **agora** se descobriu que isso é falso.

Em “O homem que inventou Cristo”, faz-se um juízo de valor positivista: é mais válido o que é mais novo, que sempre suplanta o velho. O autor faz uma narração dos fatos históricos, sem submetê-los a uma análise. Ele interpreta os documentos e as falas dos especialistas como uma verdade absoluta, sem ser possível acrescentar algumas ressalvas.

A respeito da conservação de alguns textos apócrifos, mais especificamente os Evangelhos de Tomé, Filipe e Maria Madalena o texto “Um outro Jesus” afirma que foram guardados por um egípcio anônimo por volta do século IV e que foram resgatados por um grupo de beduínos em 1945, próximo a cidade egípcia de Nag Hammadi. O texto não diz de onde foi retirada essa versão, tratando a informação como verdade absoluta uma vez que não procura discuti-la.

Citação: “em algum momento do século IV, esse egípcio teve a boa idéia de esconder num jarro de barro cópias manuscritas na língua cópias desses textos e de muitos outros ameaçados pela perseguição da Igreja. O jarro ficou 1600 anos sob a areia do deserto. Acabou resgatado por um grupo de beduínos em 1945;”

Em “O Iluminado”, depois de situar o momento do surgimento do budismo como uma época de ebulição espiritual, a revista passa a narrar a história de vida de Sidarta Gautama, o Buda. Em determinados momentos cita fatos que são mencionados nas antigas escrituras budistas e que pelas suas características não podem ter comprovação histórica, tais como “cumpriu-se uma profecia segundo a qual ele se tornaria um homem santo” sem fazer nem uma ressalva.

Autoridade intelectual

Os autores dos artigos se eximem de opiniões, as quais atribuem a intelectuais da área. É interessante notar que neste momento, durante a citação de especialistas, a revista

sempre tenta trabalhar com opiniões nacionais e internacionais sobre o assunto, o que nos remete a duas interpretações: Ou o autor faz isso para mostrar que tal fato é de importância nacional e internacional, ou então que uma opinião internacional teria mais força e aceitação para o tema, desclassificando os especialistas brasileiros. A maioria dos autores é ligada ao estudo da teologia, o que pretende provar que realmente o intelectual pensa neste tema com seriedade.

Os especialistas citados em “Quem matou Jesus?” foram: John Dominic Crossan, da Universidade DePaul, de Boston, “um dos mais respeitados estudiosos do assunto”, que afirma que os Evangelhos não podem ser tratados como documentos históricos; os historiadores “não cristãos” Flávio Josefo e Cornélio Tácito, que comprovam a existência de fatos sobre a vida de Cristo, e o próprio Mel Gibson, cujo filme é parte da iconografia do artigo, e que fez uma obra monumental que deveria chegar o mais próximo possível da realidade¹ (“Quem matou Jesus”, ed. 199, p. 44).

Sobre a vida de Jesus, o cientista da religião Richard Horsley, da Universidade de Massachusetts que diz que aquele era um momento politicamente ideal para um levante; André Lemaire, paleógrafo do período bíblico da Sorbonne; André Chevitarese, professor de História Antiga na UFRJ; Pedro Lima Vasconcellos, professor de Ciências da Religião da PUC; Gebriele Cornelli, professor de Teologia e Filosofia da Universidade Metodista de São Paulo; Paulo Nogueira, professor de Literatura do Cristianismo Primitivo da mesma universidade, (“A verdadeira história de Jesus”, ed. 183)

No entanto, há constatações críticas interessantes: Chevitarese chama a atenção para que o conceito de líder surge com Maquiavel, no Renascimento, portanto, as manifestações de Jesus não podiam estar destacadas do plano espiritual. O historiador também coloca que é um erro tentar explicar racionalmente fenômenos espirituais, e que se deve atentar para como as comunidades da época viam esses acontecimentos. Paulo Nogueira, afirma que: “Não se deve subestimar o poder dessas experiências em nome do racionalismo” (A verdadeira história...). Aqui portanto, há contrapontos à ideologia racionalista que se vinha usando.

O arqueólogo israelense Israel Finkelstein, autor de “A bíblia desenterrada” que causou choque nos estudiosos “porque reduz os relatos do Antigo Testamento a uma

¹ Ver anexo.

coleção de lendas inventadas a partir do século VII a.C” Diz ele: “Das três ciências que estudam a Bíblia, a arqueologia tem se mostrado a mais promissora. Ela é a única que fornece dados novos”. (“Bíblia”).

No texto “O homem que inventou Cristo”, o autor afirma que alguns teólogos relegam a figura de Paulo grande importância, como sendo fundamental nos primeiros anos do Cristianismo (alicerce da jurisprudência, moral e filosofia moderna do Ocidente). Os autores que afirmam a importância de Paulo, segundo o autor, são o professor Jerome Murphy-O’Connor (Escola Bíblica e Arqueológica de Jerusalém); o historiador André Chevitarese e o teólogo Pedro Lima Vasconcellos, já citados.

Uma outra corrente de estudiosos afirma que Paulo deturpou a imagem de Cristo. Os ensinamentos que permaneceram foram os seus, e não os de Jesus. Para tal afirmação, o autor utiliza depoimentos de Mahatma Ghandi em 1928, Albert Schweitzer em 1952, prêmio Nobel da paz e Fernando Travi, fundador e líder da Igreja Essênia Brasileira.

Entre os especialistas citados no artigo “A palavra de Deus” estão o libanês Samir El Hayek, tradutor da primeira edição, no Brasil, do Corão em português; Safa Jubran, professora de árabe da Universidade de São Paulo; o xeque Ali Abdune, do Centro Islâmico de São Bernardo do Campo; o xeque Jihad Hassan Hammadeh, um dos líderes da religião islâmica no Brasil; o historiador holandês Peter Demant, especialista em relações internacionais e Oriente Médio, que dá aulas na USP; a teóloga inglesa Karen Armstrong, ex-freira católica e profunda conhecedora das três religiões abraâmicas; Eliane Moura da Silva, professora de história das religiões da Unicamp; o historiador libanês Amin Maalouf e o historiador Alberto Ventura, do Instituto Universitário Oriental, de Nápoles, Itália.

Através da opinião de alguns especialistas sobre o assunto, o autor de “Um outro Jesus” procura levantar dúvidas a respeito da autenticidade da figura de Jesus que é passada pela Bíblia nos evangelhos de Lucas, Marcos, Matheus e João, que são os únicos relatos da vida de Cristo considerados autênticos pela Igreja.

O autor destaca a opinião de “especialistas”, pessoas que publicaram alguma coisa sobre o Cristianismo, como o jornalista espanhol Juan Arias, ou relacionadas de alguma forma com a história do Cristianismo, como o frei franciscano Jacir de Freitas Farias, professor do Instituto São Tomás de Aquino, Karen King, historiadora eclesiástica da

Universidade Harvard e os teólogos Pedro Vasconcellos, da PUC de São Paulo, e Paulo Nogueira, da Universidade Metodista

No final do texto é dada uma resposta à questão levantada que parece ser a opinião da autora, ela afirma que o *“os evangelhos apócrifos, assim como os canônicos, foram escritos por pessoas inquietas, numa época conturbada e difícil, em que as antigas respostas já não davam conta de acalmar os espíritos”* e que, apesar dos tempos serem outros, boa parte da sociedade atual *“está inquieta e insatisfeita com as respostas que existem. Tem muita gente em busca de alguma coisa que torne nossa existência mais transcendente, mais valiosa. E esses textos escritos por outro homens, numa busca parecida, podem nos dar uma dica de onde começar a procurar.”* No entanto, mediante as características do texto, que utiliza citações de terceiros muitas vezes sem fazer menção, não conseguimos afirmar se essa foi a opinião da autora após a pesquisa realizada para a elaboração do texto ou se essa é a opinião de algum especialista que foi apropriada pela autora.

Desmistificação e busca da verdade científica:

É interessante que a pretensa ciência use como personagem histórico-político, um personagem que tem importância mitológica.

“Cristo é um dos maiores mistérios da humanidade. Mas a arqueologia, baseada em novas descobertas, está finalmente desvendando como ele nasceu, viveu e morreu.” (“A Verdadeira História de Jesus”)

O argumento baseia-se na capacidade científica da ciência que estuda a cultura material, de desvendar características da vida prática de uma pessoa. Não se põe em discussão o poder mítico do personagem. Colocam-se as descobertas como uma resposta à milenar pergunta, sobre o mistério. A religiosidade poderia terminar, com as respostas dadas pela arqueologia.

O pequeno texto “Escritores fantasmas” (“Quem matou Jesus?”, p. 45) pretende mostrar que os Evangelhos não são verdade histórica, e que não foram os evangelistas que escreveram.

O termo “verdadeira história”, o título, é usado para contrapor a sua imagem mítica, religiosa, de abrangência universal.

“(…) deviam estar comentando o tumulto do dia anterior, que resultou na morte de um judeu. Nada que não estivessem acostumados a ouvir.” Aqui tira-se a importância singular de Jesus como líder, ele era mais um entre agitadores. “(…) pouca gente deve ter se comovido com a prisão e morte de um judeu agitador.” (“A verdadeira história…”)

Colocam-se duas imagens de Jesus: a bíblica “*que dispensa apresentações*” (Idem) – e faz uma breve apresentação de seus símbolos, mas não explica que Jesus passou a representar o cordeiro de Deus só para os cristãos, e não para os judeus. O outro Jesus, já citado no início da matéria, é Joshua, o homem que morreu sem chamar muita atenção dos cidadãos do Império Romano.

Os evangelhos são apresentados como fontes parciais, pois foram escritas por seguidores de Cristo, que teriam escrito com base em interesses próprios.

Enfatiza-se que a reconstrução dos historiadores e arqueólogos é fascinante e bem diferente daquela visão mitológica renascentista.

Sobre a profissão de Jesus, o professor de Ciências da Religião da PUC, Pedro Lima Vasconcellos, define “*tekton*”, usada no Novo Testamento como carpinteiro, significava também “*biscateiro*”, ou “*pau-pra-toda-obra*”. Estas palavras colocam-no no plano mais prático possível de descrição.

A chamada do artigo “*Bíblia*” anuncia que a Arqueologia descobriu que Abraão e Moisés não existiram, o Êxodo não ocorreu e os reis Davi e Salomão eram pequenos chefes tribais, e que “*a maior parte das escrituras sagradas não passa de lenda*”. Estas afirmações são inclusive politicamente delicadas, pois passam pela história dos judeus, e em última instância colocam em jogo a discussão da legitimidade do Estado de Israel.

“*Buda morreu por volta de 483a.c, depois de um acesso de disenteria que teria sido causado pela ingestão de carne de porco. Há algo menos divino – ou tão demasiadamente humano – do que morrer de dor de barriga?*” (“O Iluminado”)

Conexão com a atualidade e anacronismos

O conflito entre árabes e israelenses pelo território em comum tornou-se muito popular depois do ataque de 11 de Setembro de 2001. Portanto, esta temática é de interesse geral. Os artigos pretendem ser fáceis de ler e levantar um interesse da atualidade.

A chamada da capa de “Quem matou Jesus?” é “*A história diz que foram os romanos. A teologia diz que fomos todos nós (ou ele sozinho). Mas só os judeus foram condenados. Por quê?*” Também se refuta a idéia de que Mel Gibson teria tido uma visão anti-semita da História, pois se diz que sua pesquisa para o roteiro vem do Evangelho. É muito nítida, portanto, a defesa dos judeus, que se sobrepõe na opinião sobre a situação mundial atual.

Em determinados momentos, utilizam-se anacronismos em linguagem informal: “*Não foi um simples rapa nos camelôs*” (“Quem matou Jesus?”, p. 44) e “*Na prática ele (o Templo) era o Banco Central da Judéia*” (Idem) . Este traço é usado estrategicamente para chamar o leitor ao vínculo com o presente, assim, ele pode identificar características comuns com a sua vida, e imaginar como seria a vida naquela época. Não se discutirá obviamente que os conceitos de banco e camelô surgirão séculos depois.

Outro exemplo de uso da linguagem coloquial é: “*Dessa vez, o fuzuê foi causado por um judeu camponês chamado Yeshua (...)*” (“A verdadeira história de Jesus”).

Defende-se que Jesus fez um levante premeditado, em época de festa judaica, para chamar atenção. Sua execução só deveria servir de exemplo, contra agitadores; haveria aqui mais um vínculo com o presente?

A coincidência com a situação atual da guerra no Oriente Médio é candente: a cidade (Jerusalém), já era palco de conflitos político-religiosos sangrentos e quase sempre algum agitador morria por incitar rebeliões contra os romanos, que governavam a região com o apoio da elite judaica do templo de Jerusalém.

A política brasileira também é abordada: “*Eram uma ala do judaísmo assim como o PT tem alas que não representam as idéias predominantes do partido*” (segundo Monica Selvatici, doutoranda em História pela Unicamp “A verdadeira história de Jesus”, p. 49)

À respeito da aparência de Jesus, faz-se mais um paralelo com a situação política atual, para trazer a história à realidade próxima do leitor: “*Em tempos turbulentos como o de hoje, ele provavelmente teria dificuldades de passar pela alfândega de um aeroporto europeu ou americano*”, segundo Chevitarese (“A verdadeira história...”).

“*Paulo teve uma formação acadêmica de primeira – nos parâmetros atuais, algo equivalente a um doutorado em Harvard.*”. “*... para autenticar o documento. A maioria delas foi escrita em grego, mesma língua usada por Paulo em suas pregações. Esse era o*

idioma universal, comparável ao que hoje é o inglês.” (“O homem que inventou Cristo”). Nestas duas citações ficam evidentes os anacronismos cometidos pelo autor. Fazem-se comparações do passado com referências no presente.

“Para aquele povo disperso no deserto, o livro caiu como uma luva.” “A vida valia pouco. Com regras desse naipe, logo não sobraria árabe para contar a história.” (“A palavra de Deus”). Estes são alguns exemplos encontrados no texto que mostram que ao utilizar este tipo de linguagem, o autor tenta desmistificar o papel do livro sagrado dos muçulmanos.

Em “Um outro Jesus”, após fazer o resumo à cerca da origem dos textos apócrifos e do tratamento que a Igreja Católica lhes dispensou, passa-se a identificar o motivo pelo qual o tema foi abordado pela revista. O autor destaca o sucesso que os textos apócrifos estão fazendo na sociedade atual inspirando filmes milionários, como *Matrix*, best seller, como o *Código da Vinci*, gerando novas seitas e religiões. No restante do texto o autor tenta *“explicar essa súbita popularidade para textos que estiveram sumidos por um milênio e meio.”*

Citação: *“E agora, 2 mil anos depois da morte de Cristo, eles estão fazendo um tremendo sucesso. Inspirando filmes milionários (como Matrix) e best sellers (como o Código da Vinci).”* Trata-se do fenômeno “pop”.

A justificativa para a abordagem do tema do artigo “O Iluminado”, sobre Buda, é interesse que desperta em um número cada vez maior de pessoas no Ocidente. Há uso de anacronismo, como a opinião da autora do livro *Maomé e Buda*, Karen Armstrong: *“nessa época, as pessoas discutiam sobre espiritualidade com o mesmo entusiasmo com que se discute futebol hoje.”* No final do texto, o autor, compara a expansão do Budismo a um fenômeno pop e procura esclarecer os motivos pelos quais o tema abordado desperta tanto interesse na sociedade atual.

Citação: *“Quem quiser entender por que o Budismo exerce tanta atração no Ocidente precisa ver como elas conquistam sua audiência, geralmente de jovens, em torno da idéia de compaixão.”* Inicia-se o texto utilizando termo que buscam prender a atenção do leitor, tais como “fascinante história”.

Resgate factual/narrativo

Esta é uma característica muito presente nos textos da Super Interessante. O autor inicia o artigo através de uma narrativa histórica tentando aproximar o leitor do fato descrito. Interessante notar que tal mecanismo denota ao artigo um caráter simplista e acaba por desmistificar o papel do personagem histórico, levando o leitor a um panorama histórico.

Faz-se um breve relato factual do acontecido, ou estrutura dos livros: Bíblia e Corão; o autor trabalha o contexto histórico deste artigo desde o surgimento do Corão até os dias atuais, mostrando suas diferentes interpretações durante a história e suas mudanças.). Discute-se veracidade, mas não citam fontes.

Estrutura-se o texto com um panorama do que é o senso comum para os cristãos.

Faz-se uma breve narração do julgamento segundo o evangelho. Conclui-se, por exemplo, que a morte não foi acidental, que alguém matou Jesus. Os autores tomam partido dos historiadores e atentam para a necessidade de descobrir através de fatos o motivo da morte. Faz-se uma narrativa do cotidiano da Palestina, e descrição da Páscoa judaica. (“Quem matou Jesus?”)

Em “A palavra de Deus”, o autor trabalha o início do artigo através de uma narrativa histórica, mostrando como se deu a conversão de Maomé e o surgimento do islamismo. Vale dizer que este artigo foi publicado dois meses após os atentados do 11 de setembro de 2001, denotando a matéria um caráter oportunista, já que o assunto estava em voga no período. A narrativa histórica torna de fácil compreensão o assunto abordado, demonstrando mais uma vez que a revista tem no público leigo seus maiores leitores.

O texto “Um outro Jesus” é a respeito dos evangelhos apócrifos, texto que foram proibidos pela Igreja, e que, portanto, não fazem parte da Bíblia, e somente recentemente foram descobertos. O autor faz uma breve contextualização histórica do período em que a Igreja definiu quais seriam os evangelhos oficiais.

“O Iluminado”, através da opinião de outros autores, procura fazer uma contextualização histórica do período em que surgiu o budismo, comparando com o surgimento de outras religiões, porém não cita as fontes utilizadas.

Ausência de fontes:

Pretende-se narrar o que de fato ocorreu, mas não se coloca o essencial da pesquisa histórica: as fontes. Os autores mostram o contexto da época de uma forma breve, porém não mostram ao leitor onde encontrou tais informações. Em momento algum os autores utilizam fontes históricas para justificar sua argumentação, sendo que no final do artigo não existe nenhuma referência bibliográfica para consulta do leitor. Em alguns casos há um *box* intitulado: “Para saber mais”. . Na maioria das vezes, as obras sugeridas são de autoria dos especialistas mencionados na revista.

O primeiro texto apócrifo citado no artigo “Um outro Jesus”, é o Evangelho de Tomé, o autor afirma que, segundo opinião de pesquisadores, é tão antigo quanto os que estão na Bíblia. Ao fazer essa afirmação não esclarece, no entanto, quem são os pesquisadores citados e nem de onde foi retirada tal informação.

O autor de “O Iluminado”, descreve costumes da Índia do período em que Buda viveu, descrições que necessitariam de um pesquisa anterior porém, não as fontes de onde foram retiradas tais informações. O autor menciona trechos das antigas escrituras budistas, porem não deixa claro se ele consultou diretamente esse material ou se se utilizou da obra de outro autor e portanto de um interpretação alheia. Após fazer uma contextualização a respeito da época em que o Budismo surgiu, dos costumes da sociedade que presenciou o seu surgimento e discorrer a respeito da vida do seu fundador, o autor passa a fazer uma análise das novidades trazidas por Buda, fazendo afirmações, tais como “*a grande novidade trazida por Buda em sua época foi a idéia de que a vida espiritual , com capacidade de conhecer a si mesmo, não tem nada a ver com restrições de casta impostas pelos brâmanes*”, que parecem ser a opinião do autor pois não cita outra fonte nem afirma se a opinião de algum especialista. No entanto, para fazer tais afirmações seria necessário ter um conhecimento aprofundado do assunto, por isso provavelmente o autor tenha utilizado a opinião de algum especialista sem fazer menção.

Formato didático e iconografia:

No artigo “A verdadeira história de Jesus”, de 2002, a ilustração é feita à lápis; já no artigo “Quem matou Jesus”, de 2004, editado em seguida à realização do filme “A Paixão de Cristo”, tem por imagens todos *frames* do filme de Mel Gibson. A fotografia dá caráter de verdade, enquanto o desenho, de aproximação.

No artigo sobre a Bíblia, as páginas são decoradas como se fossem a própria Bíblia. Pretende-se fazer uma ilustração bonita, mas o sentido se perde, pois o objetivo do texto é justamente mostrar que o que está escrito na Bíblia não ocorreu de fato.

O artigo “O homem que inventou Cristo” possui diversos quadros explicativos do assunto. Um deles mostra um mapa da região do Mediterrâneo com rotas que Paulo percorreu durante suas pregações. Outro quadro mostra os personagens da igreja primitiva cristã. Um outro trabalha os pontos controversos de Paulo a respeito de certos temas, tais como escravidão, obediência ao Estado, submissão feminina e doutrina da salvação. Estes quadros ajudam o leitor a compreender alguns temas abordados pela revista, mostrando que a matéria é destinada a um público leigo.

O texto “Um outro Jesus” apresenta quadros didáticos, com mapas e figuras para ajudar a compreensão do leitor.

CONCLUSÃO

Os artigos apresentados não estão de acordo nem com a visão teórica de Giambattista Vico: “*Vico sustentava que o cartesianismo , adequado para o estudo dos fenômenos naturais, não era apropriado para o tratamento dos temas históricos, e inaugurou a crítica da razão histórica, que seria desenvolvida por Windelband, Rickert e Dilthey, no fim do século XIX*”.² ; nem com a de Jaguaribe: “*no entanto, a História não tem objetivos pré-escolhidos, nem é orientada por leis, semelhantes às leis naturais.*”³, nem menos com a de Langlois e Seignobos: “*Os fatos imaginados pelo historiador são, forçosamente, subjetivos; isto constitui uma das razões para que se negue à história o*

² JAGUARIBE, Hélio. *Um Estudo Crítico da História*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, Pg. 32

caráter de ciência.”⁴. Para estes, a narrativa não pode seguir as leis naturais.

Todos os artigos pretendem contar a realidade pura de fenômenos míticos e místicos; são usados temas polêmicos, que chamem a atenção do público leigo. Os materialistas históricos não se preocuparam diretamente com os fatos dentro dos fenômenos místicos, pois o que interessa na História são os grandes movimentos econômicos que teriam mudado sua estrutura.

Os autores apresentam visões diferentes, sobretudo no que diz respeito à busca da verdade tal como existiu, ou o oposto, sobre a clareza de que aqueles personagem existiram em determinado tempo histórico, e não podem ser analisados com critérios do presente. Há cuidados com o anacronismo; no entanto, em um mesmo artigo, os autores se contradizem quanto a esta e outras questões, ou até mesmo desmentem as afirmações dos especialistas citados, utilizando a forma positivista de análise.

Fontes:

*As fontes foram colocadas em ordem de data, para se visualizar melhor a ordem em que as temáticas se apresentaram.

*Quanto aos autores, não obtivemos resposta da editora sobre sua formação e vertentes teóricas. Sabemos, por exemplo, que KENSKI é repórter, membro do corpo editorial da revista. Rodrigo Cavalcante, provavelmente é redator, pois é autor de dois dos artigos escolhidos.

BURGIERMAN, D. R., CAVALCANTE, R. e VERGARA, R. “A Palavra de Deus”. *Super Interessante*. Edição 170. Novembro de 2001.

De PAULA, Caco. “O Iluminado”. *Super Interessante*. Edição 174. março de 2002

ROMANINI, Vinícius. “Bíblia – o que é verdade e o que é lenda”, *Super Interessante*. Edição 178. julho 2002.

CAVALCANTE, Rodrigo. “A Verdadeira História de Jesus”, *Super Interessante*, Edição 183. dezembro 2002.

VASCONCELLOS, Yuri. “O homem que inventou Cristo”. *Super Interessante*. Edição

³ Idem, Pg. 29

⁴ LANGLOIS, ch. V. e SEIGNOBOS, ch. Operações sintéticas. In: *Introdução aos estudos históricos*. Trad. Laerte de Almeida. São Paulo, Ed. Renascença, 1946, pg. 154.

195. dezembro 2003.

VERSIGNASSI, A. e KENSKI, R. “Quem Matou Jesus”. *Super Interessante*. Edição 199, abril de 2004.

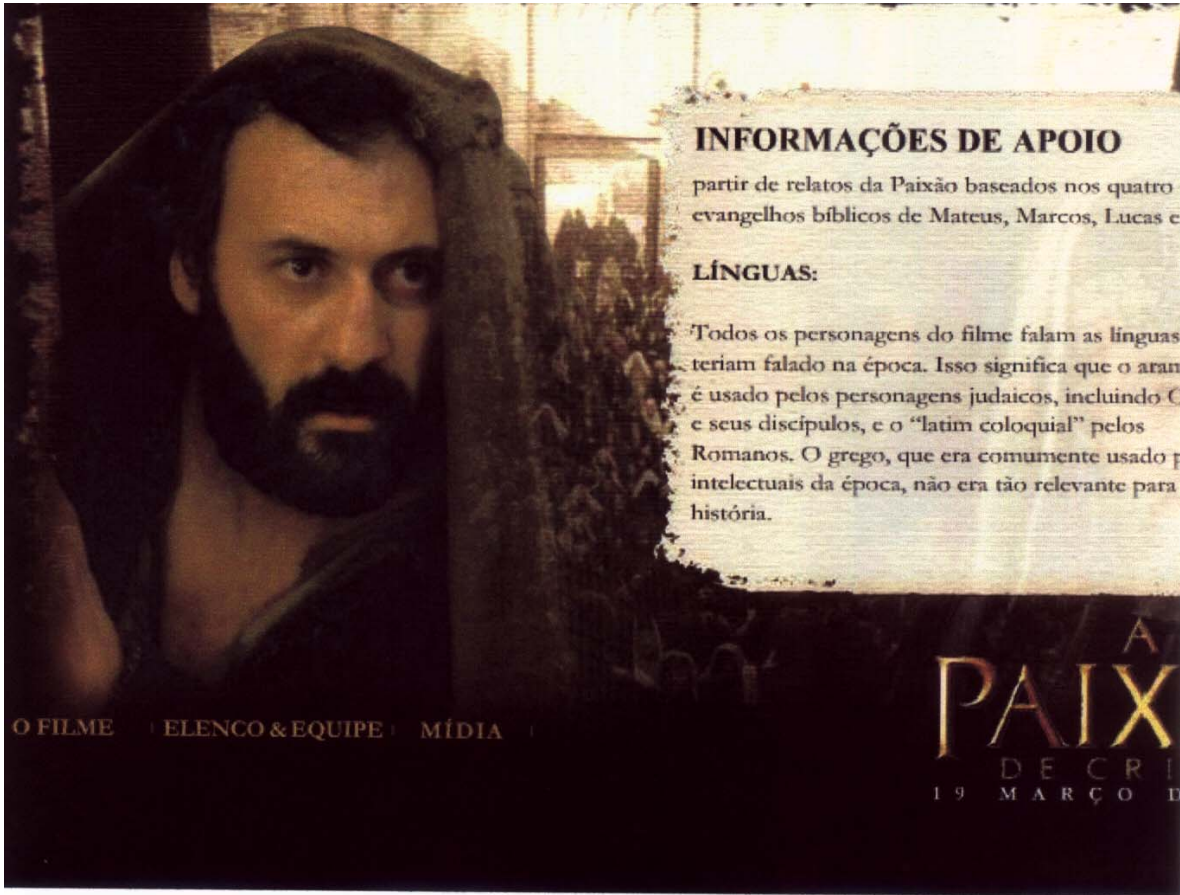
MONTENEGRO, Érica. “Um outro Jesus”. *Super Interessante*. Edição 207. dezembro de 2004.

Bibliografia:

JAGUARIBE, Hélio. *Um Estudo Crítico da História*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LANGLOIS, ch. V. e SEIGNOBOS, ch. Operações sintéticas. In: *Introdução aos estudos históricos*. Trad. Laerte de Almeida. São Paulo, Ed. Renascença, 1946.

MARX, K. E ENGELS F.A Ideologia Alemã (I- Feuerbach). Trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 11^a. ed. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1999.



INFORMAÇÕES DE APOIO

partir de relatos da Paixão baseados nos quatro evangelhos bíblicos de Mateus, Marcos, Lucas e

LÍNGUAS:

Todos os personagens do filme falam as línguas teriam falado na época. Isso significa que o aramaico é usado pelos personagens judaicos, incluindo Cristo e seus discípulos, e o "latim coloquial" pelos Romanos. O grego, que era comumente usado por intelectuais da época, não era tão relevante para a história.

O FILME | ELENCO & EQUIPE | MÍDIA

A
PAIXÃO
DE CRISTO
19 MARÇO 2004



[PRIVACY POLICY](#)



[TERMS OF USE](#)

©2003 ICON DISTRIBUTION INC. ALL RIGHTS RESERVED.
This website is maintained by Twentieth Century Fox. All rights reserved.

INFORMAÇÕES DE APOIO

FONTES:

O roteiro de **A PAIXÃO DE CRISTO** foi adaptado pelo diretor/produtor Mel Gibson em colaboração com Benedict Fitzgerald (Wise Blood, In Cold Blood, Heart of Darkness, Zelda) e retrata as últimas horas da vida de Cristo na Terra. Foi adaptado a partir de relatos da Paixão baseados nos quatro evangelhos bíblicos de Mateus, Marcos, Lucas e João.

LÍNGUAS:

Todas as versões do filme foram dubladas em português.

O FILME | ELENCO & EQUIPE | MÍDIA

A PAIXÃO DE CRISTO
19 MARÇO 2004

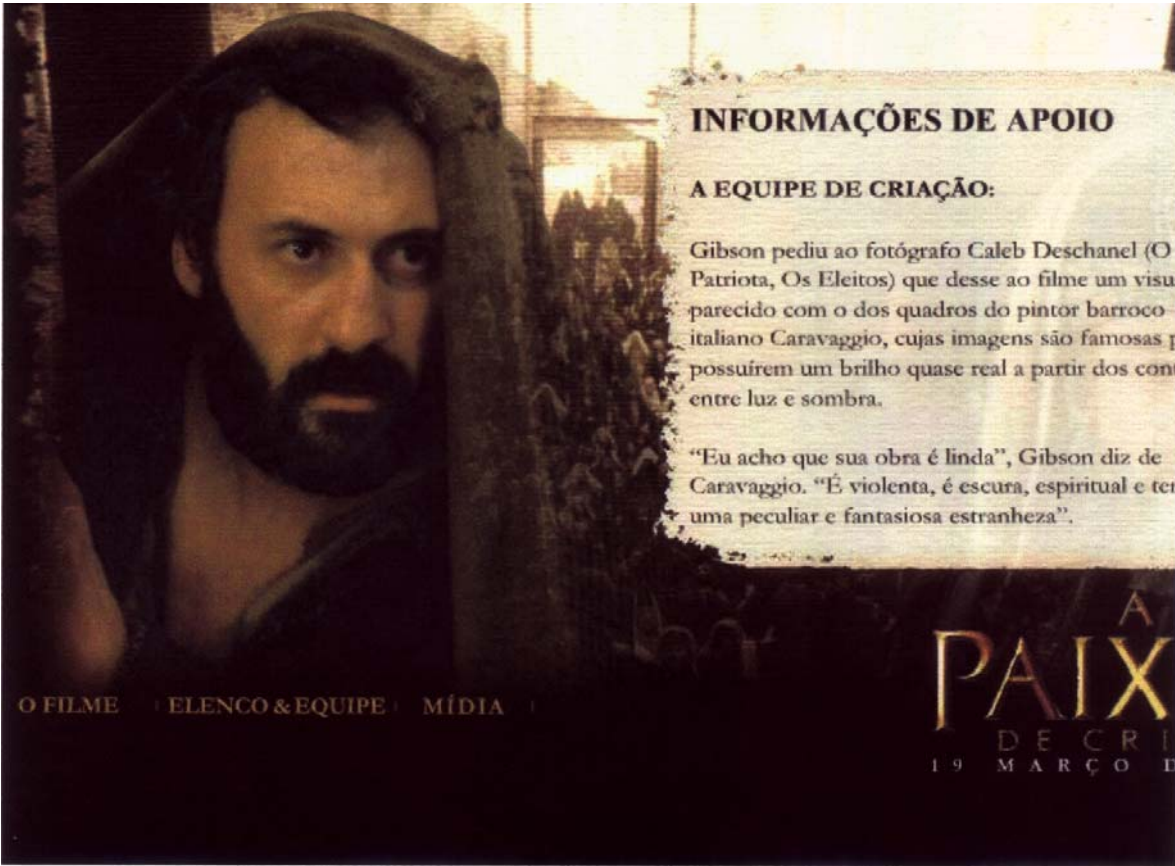


[PRIVACY POLICY](#)



[TERMS OF USE](#)

©2003 ICON DISTRIBUTION INC. ALL RIGHTS RESERVED.
This website is maintained by Twentieth Century Fox. All rights reserved.



INFORMAÇÕES DE APOIO

A EQUIPE DE CRIAÇÃO:

Gibson pediu ao fotógrafo Caleb Deschanel (O Patriota, Os Eleitos) que desse ao filme um visua parecido com o dos quadros do pintor barroco-italiano Caravaggio, cujas imagens são famosas p possuem um brilho quase real a partir dos cont entre luz e sombra.

“Eu acho que sua obra é linda”, Gibson diz de Caravaggio. “É violenta, é escura, espiritual e tem uma peculiar e fantasiosa estranheza”.

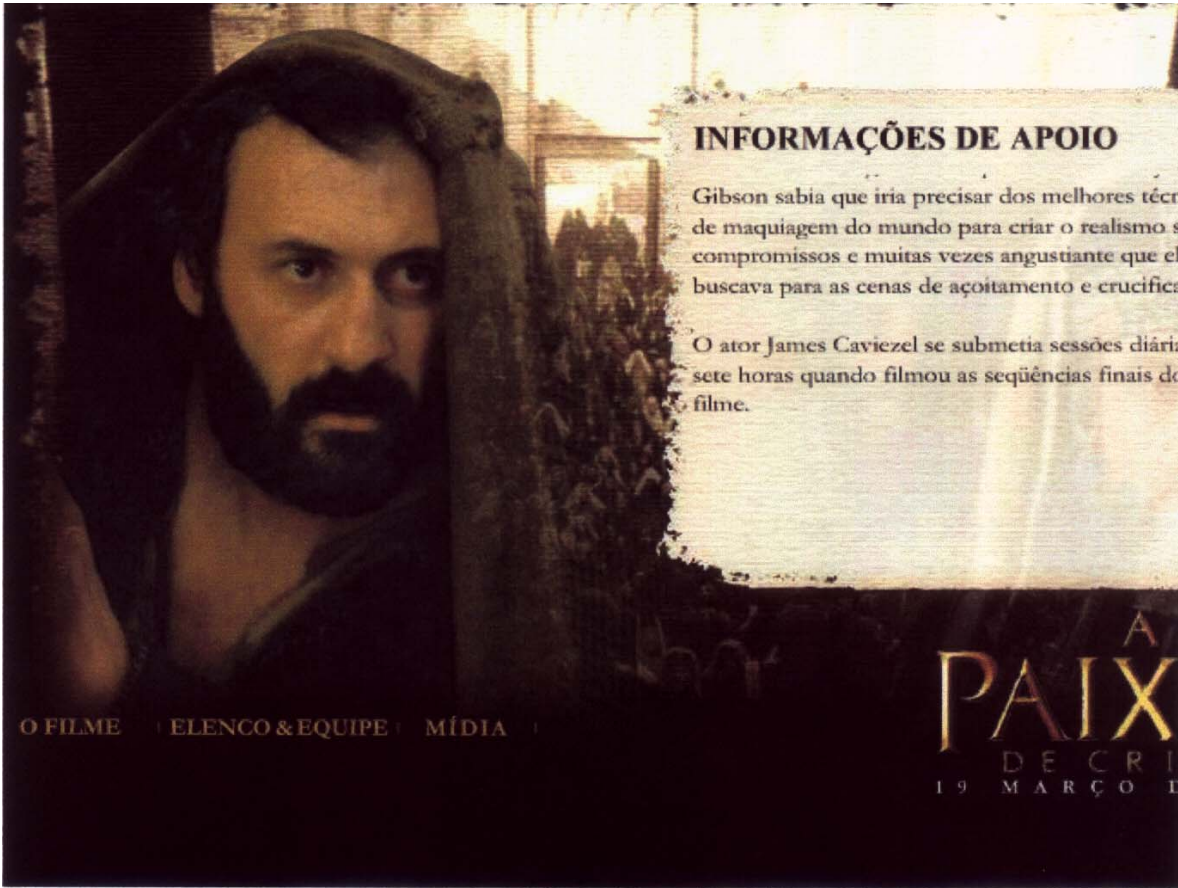
O FILME | ELENCO & EQUIPE | MÍDIA

A
PAIXÃO
DE CRISTO
19 MARÇO



[PRIVACY POLICY](#) | [TERMS OF USE](#)

©2003 ICON DISTRIBUTION INC. ALL RIGHTS RESERVED.
This website is maintained by Twentieth Century Fox. All rights reserved.



INFORMAÇÕES DE APOIO

Gibson sabia que iria precisar dos melhores técnicos de maquiagem do mundo para criar o realismo sem compromissos e muitas vezes angustiante que ele buscava para as cenas de açoitamento e crucificação.

O ator James Caviezel se submetia a sessões diárias de sete horas quando filmou as seqüências finais do filme.

O FILME | ELENCO & EQUIPE | MÍDIA

A
PAIXÃO
DE CRISTO
19 MARÇO



[PRIVACY POLICY](#) • [TERMS OF USE](#)

©2003 ICON DISTRIBUTION INC. ALL RIGHTS RESERVED.
This website is maintained by Twentieth Century Fox. All rights reserved.

ECLÉTICA - 2005

Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP.

A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Créditos:

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Adolpho José Melfi

Vice-Reitor: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sedi Hirano

Vice-Diretor: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

Departamento de História

Chefe: Prof. Dr. Modesto Florenzano

Suplente: Profa. Dra. Maria Lígia Prado

Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer

Monitora PAE – Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro

Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.